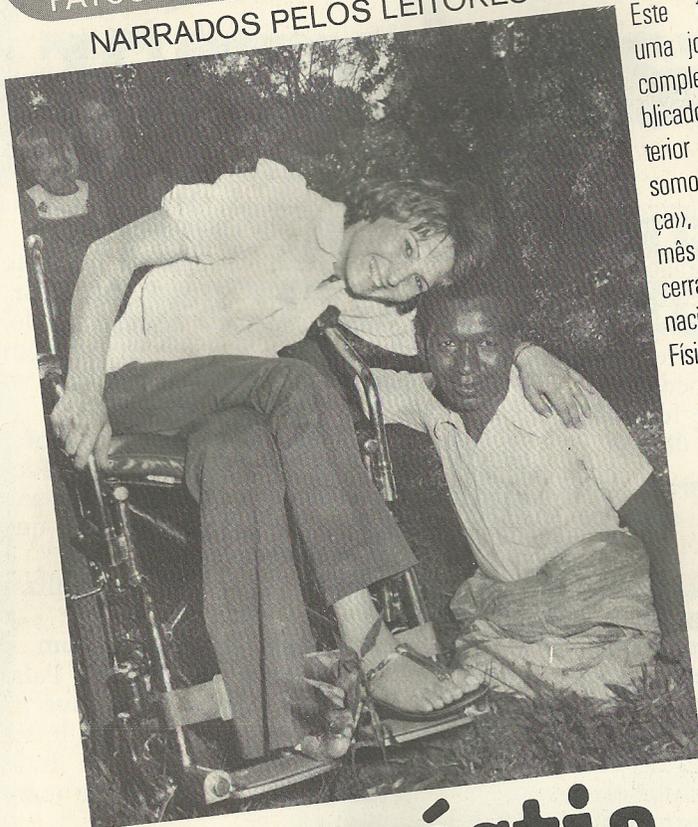


Testemunhos

FATOS REALMENTE ACONTECIDOS
NARRADOS PELOS LEITORES



Este testemunho de uma jovem paraplégica complementa o artigo publicado no número anterior sob o título «Não somos de uma outra raça», justamente neste mês que assinala o encerramento do Ano Internacional do Deficiente Físico.

“... vou conversar com Roberto. O fotógrafo pediu permissão para tirar uma foto nossa”...

Uma réstia de luz

Estou chegando em São Paulo. Ah, finalmente, aos vinte anos, meu sonho dourado está se realizando! Conhecer coisas novas, fazer muitas amizades, descobrir tudo o que existe no mundo.

Este desejo eu já acalentava desde criança, lá no pequeno sítio de Sapucaia, perto de Cascavel. Ajudando meus pais a plantar ou capinar, de quando em quando eu parava e ficava imaginando o que havia além daquele horizonte bordado por um imenso pinheiral. E agora, em julho de 1971, aqui estou numa cidade enorme, com prédios altíssimos, com ruas inundadas por carros velozes e uma multidão apressada, com muitas lojas, cinemas e teatros. Quero trabalhar e ganhar o suficiente para aproveitar as possibilidades que esta cidade me oferece!

Tia Leonor me acolhe com alegria, tratando-me como sua filha mais velha. E minhas primas, Elizabeth e Regina, ficam contentes por ter mais uma companheira.

O primeiro emprego que encontro é num escritório. Mas o que eu quero mes-

mo é trabalhar como enfermeira. Sei que gosto desta profissão porque quando fui estudar o ginásio em Ponta Grossa, fiquei morando e trabalhando com Amália, minha irmã, que é freira e enfermeira num hospital. O atendimento aos pacientes era para mim algo de muito gratificante.

Inscrevo-me no curso de enfermagem no Hospital da Beneficência Portuguesa. Faço o exame de seleção e sou aprovada.

O horário é muito intenso. Das sete às 14 horas, estudo, e das 15 às 23 horas, trabalho. Por isso, não é mais possível ficar morando com minha tia, no Jaçanã: significaria gastar mais quatro horas de condução por dia.

Procuro, então, um lugar para morar, perto da escola. Após alguns meses morando em pensão, combino com algumas colegas para alugarmos um apartamento.

Seguem-se dois anos de trabalho e estudo. Tudo me parece maravilhoso; o trabalho no hospital, as novas amizades, os passeios de fim de semana.

Concluo o curso de enfermagem e passo a trabalhar em dois empregos, pratica-

mente das 13 horas até às sete horas da manhã seguinte. Durante seis meses não poupo energia: quero ganhar dinheiro para comprar um automóvel.

Economizando cada centavo, finalmente consigo comprar um carro usado. Agora posso trabalhar meio período e cursar o segundo grau. E me matriculo no curso de formação de técnicos em Patologia Clínica.

Dionísia, minha irmã mais jovem, vem do interior morar comigo. Juntas, frequentamos a escola noturna. Logo ela arruma um emprego. Tudo, enfim, corre bem.

Quando Dionísia e eu temos algum tempo antes da aula, entramos na Igreja da Imaculada Conceição. Ajoelho-me no último banco. Não sei o que dizer, não sei o que rezar. Pai Nosso, Ave Maria..., não consigo ver muito sentido nisso. Na verdade, ainda não sei o que quero na minha vida, o que vai ser de mim:

— Meu Deus, que se realize a sua vontade sobre mim — é a única coisa que consigo balbuciar.

UM SÁBADO, vamos visitar tia Leonor, no Jaçanã. À noite vamos, com minhas primas, a uma festinha de aniversário. Conversamos e nos divertimos bastante.

— Ana, está tão agradável sua companhia. Fique também amanhã para conversarmos mais — dizem minhas primas.

— Mas acontece que amanhã é meu dia de plantão. Nestes quatro anos em São Paulo, jamais gostei de faltar no serviço, porque senão se acumula muito trabalho para as colegas, e quem sofre as conseqüências são os pacientes.

Durmo na casa de minha tia; na manhã seguinte, enfrentando o frio de junho, levanto bem cedo, pego o carro e vou trabalhar.

Percorro alguns quilômetros. Numa curva de rua esburacada e derrapante, o carro foge ao meu controle e... tudo se apaga para mim.

Alguns dias depois volto à consciência. Contam-me que meu carro capotou e foi bater em um bar de esquina. Um motorista de táxi me socorreu e me levou para um pronto-socorro. Dalí fui conduzida ao Hospital Matarazzo.

Tudo ao meu redor parece confuso. O soro em meu braço, a sonda sorogástrica, a couraça de gesso que me imobiliza do tórax para baixo, o semblante tenso nos meus amigos e parentes: tudo indica um fato inesperado que não consigo compreender.

Passam alguns dias. Minhas amigas conseguem minha transferência para o Hospital Municipal, onde eu — ironia do destino — até poucos dias antes atendia casos como o meu. Cercam-me de carinho e atenção. Sofro uma delicada cirurgia.

Em meu coração solidifica-se a esperança de sarar logo e voltar às minhas atividades. Mas passa um mês, dois... e eu ainda imóvel no leito.

Um dia, por acaso, a ficha médica cai em minhas mãos e começo a olhá-la. Uma observação me chama a atenção: “paraplegia por fratura em três vértebras e secção total da medula”. Foi como se o mundo desabasse.

— É verdade — penso — já tinha percebido que não sentia nem conseguia mover as pernas. E “secção total da medula” significa que jamais voltarei a andar. Meu Deus, que é que eu fiz para merecer isso? Impossível, não pode ser verdade, deve haver alguma esperança ainda, os médicos podem ter se enganado.

Os médicos tentam me explicar que posso fazer reabilitação e retomar muitas atividades. Mas caio no desespero. Fico revoltada contra a vida, cujo futuro foi, para mim, mutilado. Rebelo-me contra as pessoas, que tentam fazer com que eu me conforme. Não consigo mais acreditar na providência de Deus, que permitiu tamanha desgraça para mim.

FICO INTERNADA. Neste período a assistente social providencia a minha aposentadoria (com apenas vinte e cinco anos, eu, aposentada!) e encaminha o meu processo de recuperação na Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD), um famoso centro de reabilitação.

Finalmente, após um período de espera que me parece eterno, sai a vaga e sou internada no Centro de Reabilitação. Nos primeiros dias fico impressionada ao entrar em contato com tantas crianças e jovens com deficiência física.

Logo na primeira oportunidade pergunto a meu médico:

— Quais são as chances de eu voltar a andar?

— Você não veio aqui para voltar a andar — responde-me o médico delicadamente, mas com franqueza — você veio fazer um tratamento para aprender a viver na cadeira de rodas.

Ele não precisa dizer mais nada. Para mim fica muito claro que nunca mais voltarei a andar. O jeito é aceitar a realidade!

No Centro de Reabilitação vou me acostumando a conviver com pessoas deficientes, a me adaptar a um modo de vida totalmente diferente. Vendo pessoas com todo tipo de deficiências — algumas mais graves do que a minha — e que fazem progressos, crio coragem. Aprendo a me cuidar, a transferir-me para a cama, para o banheiro, etc. Aprendo a manobrar a cadeira de rodas. Ela passa a fazer parte de mim.

Após quatro meses, meu processo de reabilitação está chegando ao fim. Para onde é que eu vou agora? Aprendi a prover minhas necessidades sem depender de outros, e quero levar uma vida autônoma. E sei que, aqui na cidade há muitos paraplégicos que têm uma vida quase normal, que trabalham, que saem sozinhos, sem precisar de acompanhante.

Conheço Heloísa, também paraplégica, que tinha conseguido cursar faculdade, formar-se em psicologia e trabalhar, levando uma vida completamente independente.

SAIO DA AACD REABILITADA. Passo alguns meses com minha irmã Amália e, depois, com meus pais. Nesse período, providencio as coisas para ir morar com Heloísa.

Em janeiro de 1977, chego de volta em São Paulo. Muita sede de viver, muitos planos na cabeça. Heloísa me acolhe em seu apartamento e, dias depois, viaja a

passeio para o Rio de Janeiro. ~

— Puxa vida — penso eu — se ela conseguia ter uma vida tão independente, por que eu não posso conseguir?

Volto à escola. À mesma escola onde havia iniciado o segundo grau. Minha irmã e minhas ex-colegas de turma já estão no terceiro ano. E eu tenho que recomeçar o primeiro. No entanto, meu entusiasmo é grande: quero recomeçar tudo, mesmo que em condições diferentes.

Não são passados ainda dois meses de aula, quando agrava-se o problema das escaras, feridas que se abriam pelo fato de ficar constantemente sentada. Vou ao médico. Ele me diz que a única forma de curar é fazer uma cirurgia plástica.

Dirijo-me ao INAMPS a fim de tirar a guia para o tratamento. Tenho que fazer tudo sozinha. Aliás, faço questão de me virar sozinha, porque sou capaz de vencer por mim mesma.

Por alguns instantes, sinto-me perdida na calçada da rua. Ponho-me a chorar. Alguém se dispõe a me ajudar. Recobro ânimo e continuo.

Chego ao posto de atendimento médico. Uma fila enorme. Alguém vem me atender. Todos se dispõem a me dispensar da fila. Em pouco tempo preparam-me a guia.

Vou sozinha ao hospital e me interno para a cirurgia. Os médicos e enfermeiras, admiram-se de minha autonomia. Sinto-me contente por isso.

Tudo para mim parece simples: uma cirurgia pequena e algum tempo depois voltaria para casa, disposta a retomar minhas atividades.

De fato, dez dias depois, o médico me dá alta, com a recomendação de fazer repouso absoluto por mais alguns dias. Tomo um táxi e vou para casa.

Ao me deitar, noto uma grande mancha de sangue na roupa e na cadeira de rodas. Assusto-me. Observo e vejo que a cirurgia está totalmente aberta. Não havia notado antes por não ter sensibilidade.

Desesperada, visto novamente a roupa, peço a mala ainda não desfeita, tomo um táxi e volto imediatamente ao hospital.

Chego lá em prantos, fora de mim. Peço pelo meu médico. Não o localizam. Tenho que ficar na sala de espera, pois falta energia elétrica e o elevador não funciona. Um enfermeiro me toma nos braços e me leva, pela escada, à enfermaria.

Uma nova cirurgia. Desta vez mais ampla. Em minha alma, um misto de revolta e medo. Seguem-se momentos de depressão, ansiedade e desespero.

Passam-se dias. A cicatrização progride e se completa. Insegura, volto para casa.

A cirurgia, entretanto, não fica boa. Em julho, tenho que voltar para o hospital. Outra cirurgia. Um mês de convalescença.

Em agosto, volto à escola. Minhas colegas me ajudam a recuperar a matéria perdida. Vão estudar comigo, fazemos os trabalhos juntas e elas me dão o maior apoio.

O ANO CHEGA AO FIM. Vou à casa de meus pais, onde festejam o casamento de Dionísia. No almoço, a presença de um jovem me chama a atenção. É Roberto, cujas pernas haviam sido amputadas por acidente de trabalho. Parece um anão musculoso e caminha com as mãos. Vou con-

versar com ele. Lembro-me, então, de um outro rapaz com o mesmo problema, que colocou próteses e voltou a andar com desenvoltura.

— Você gostaria, Roberto, de colocar pernas mecânicas e voltar a andar? — pergunto.

— Seria bom né! — responde-me com toda a sua simplicidade.

O fotógrafo até pediu permissão para tirar uma foto nossa, nessa ocasião.

Voltando a São Paulo, no início de 1978, sou informada de que no Centro de Reabilitação do SESI, o caso do Roberto poderia ser tratado. Dirijo-me para lá. Converso com a assistente social e lhe explico que é um rapaz do interior, muito pobre, e que precisa ser internado para a reabilitação. A moça me atende muito bem e me promete comunicar logo que houvesse vaga.

Algum tempo depois, de fato, ela me telefona. Ligo imediatamente para a Paraná pedindo para trazerem o rapaz. Valdemiro, meu irmão, o traz e logo ele é internado.

No mês de julho, Roberto me diz que quer passar alguns dias em sua casa. Aproveitando minhas férias escolares, eu o acompanho a Cascavel. Desembarcamos na rodoviária. Enquanto aguardamos condução para casa, várias pessoas ficam curiosas por ver um amputado e uma paraplégica e vêm perguntar quem nós somos, o que nos tinha acontecido. Respondo que não é nada, que está tudo bem, que é assim mesmo: não tenho vontade de ficar contando toda a história para que os outros sintam pena.

Uma senhora se aproxima por três vezes, disfarça e não diz palavra. Por fim, chega junto de nós, dá uma moedinha de dez centavos para mim e uma nota de um cruzeiro para o Roberto. É uma situação cômica.

Aí conto para Roberto um dos tantos fatos semelhantes que me aconteceram em São Paulo: “Certa vez, precisando atravessar a rua, pedi a um transeunte:

— O sr. pode me ajudar, por favor?

O homem me olhou longamente, com ar de interrogação: eu estava bem vestida e não parecia carente. Em seguida, tira a carteira do bolso e me oferece uma nota.

— Não, moço — disse eu, meio sem jeito — não é este tipo de ajuda que eu quero. Eu queria que o senhor me ajudasse a atravessar a rua...”

Pegamos um táxi e vamos para casa. Roberto passa alguns dias com seus pais e depois volta para São Paulo, onde completa seu processo de reabilitação. No fim do ano já andava agilmente com auxílio de aparelhos.

O PRIMEIRO SEMESTRE de 1978 transcorre entre estudo e trabalhos manuais. Mas reaparece o problema da escara. É necessário fazer uma nova cirurgia.

Vou ao hospital em outubro. A recepcionista me pede alguns dados para preencher a ficha de internação: nome, endereço, profissão, religião...

Hesito por um momento: minha religião? Passa-me a lembrança das vezes que fui à igreja e pedi que Deus realizasse sobre mim a sua vontade. Sobrepõem-se as ima-



“Uma réstia de luz começa a iluminar minha vida: os fatos que me aconteceram parecem ligados por um fio de ouro”.

gens do acidente, do hospital, da deficiência, das escaras, das cirurgias... Será que é isso que Deus quer de mim? Justamente quando lhe peço para me ajudar a encontrar meu caminho, quando lhe peço para me ajudar a resolver os problemas, me sobrevém um outro mais pesado ainda! Quando lhe peço proteção, me acontece uma desgraça atrás da outra. Será que este Deus a quem me dirigi realmente existe?

— Afinal, senhorita Ana, você é católica? — insiste a recepcionista.

— Não... não sei mais o que sou eu. Nem sei se tenho ainda religião...

Sou internada e operada. No período de convalescença vários amigos paraplégicos vêm me visitar. Lembramo-nos de que se aproximavam os Jogos Pan-Americanos sobre cadeiras de rodas, que se realizariam no Rio de Janeiro, em novembro. Alguns iriam participar e insistem para que eu também me inscrevesse e fizesse os treinamentos.

Ao sair do hospital, o meu médico faz uma reavaliação da cirurgia e me libera para os jogos.

Encontro-me com pessoas deficientes de dezenove países. Embora deficientes, são verdadeiros atletas. São pessoas esforçadas que, sobretudo, querem e sabem viver. Para mim, é uma profunda lição de coragem e entusiasmo.

Além de dedicar-nos às competições, conversamos, passeamos, nos divertimos muito. Entro em contato com muita gente, especialmente da comitiva do México. É o início de uma nova amizade que desabrochará e amadurecerá com o tempo, através de correspondências.

COM MUITO OTIMISMO e muitos planos na cabeça, começo o ano de 1979. Fazer o tratamento dentário, ainda antes de as aulas começarem. Dedicar-me com afinco aos estudos, fazer um bom estágio e finalmente me formar como técnico em Patologia Clínica. Não quero nenhum tipo de paternalismo, nenhuma exceção: quero

ser uma aluna e profissional comum para provar a mim mesma e a todos que sou capaz, tanto quanto qualquer outra pessoa.

Novamente, porém, tenho que interromper os estudos: reabre a escara e preciso me internar. E, desta vez, não encontro vaga nos hospitais de São Paulo. Com ajuda de amigos, sou aceita no Hospital Pio XII, em São José dos Campos.

Seguem-se sete meses estafantes. Três cirurgias sem nenhum resultado. Meu desespero é grande. Longe de casa, dos amigos e parentes. Felizmente ao menos posso escrever-lhes. Além disso, Dr. Álvaro — meu médico — me põe em contato com vários de seus amigos. Eles vêm me visitar todos os dias, revezando-se. Escutam com enorme paciência minhas lamúrias, acolhem com imensa compreensão minha revolta interior, me apóiam nos momentos de maior luz e reforçam minhas esperanças.

Um dia, uma amiga me dá um cartãozinho com uma oração. É o “Ato de Abandono” de Charles de Foucauld, que passa a ser minha tábuca de salvação nos momentos em que me encontro perdida num mar de desespero. Aí releio aquela oração, meditando cada palavra: “Meu pai, eu me abandono em ti, faze de mim o que quiseres... Estou disposta a tudo e aceito tudo, contanto que tua vontade seja feita...”

Mesmo com a fé abalada, meio às cegas, procuro assumir estas palavras. É como se abandonar nas mãos de alguém que não estou vendo nem sentindo. Mas, em alguns momentos, uma paz imensa invade minha alma e uma réstia de luz começa a iluminar minha vida: os fatos que me aconteceram parecem ligados por um fio de ouro que é o designio de amor que Deus tem sobre mim.

Esta mesma descoberta torna-se, mais ainda, uma fonte de ânimo, no ano seguinte, 1980.

Após curto período de boa saúde, em que aproveitei para fazer uma fascinante viagem ao México e visitar os amigos desportistas, encontro-me novamente inter-

nada, agora no Hospital da Beneficência Portuguesa. Meu estado de espírito é pior do que o de meu corpo:

— Será que vou passar o resto de minha vida na cama? O que a vida quer de mim, afinal?

Mil conflitos, mil perguntas sem resposta. Sinto-me cair no mais profundo abismo de minha vida! Já nem sei se quero viver ou não, se quero sarar ou não.

Os médicos, após estudar meu caso clínico e planejar tudo cuidadosamente, fazem a cirurgia. Mas fracassa de novo. Meu estado psicológico não ajuda.

Nesta circunstância, lembro-me do Ato de Abandono: “... Estou disposta a tudo e aceito tudo...” inclusive o sofrimento. Mas que significa o sofrimento?

— É inútil — alguém me diz — querer compreender o sofrimento. O sofrimento, em si mesmo, é um absurdo. Mas Cristo na cruz, transformando o sofrimento em amor, nos deu a possibilidade de superar, realmente, esse absurdo.

Começo, então, a procurar um novo relacionamento com Jesus. Quero entender o porquê de seu sofrimento e saber como superar o meu. Converso longamente com o capelão do hospital, que me vem visitar diariamente. Confesso-me e peço-lhe para me trazer a comunhão. Passo a comunhão todos os dias, pedindo a Deus que me dê a fé, que me ajude a encontrá-lo. Começo a ler a Bíblia e pouco a pouco, vou encontrando resposta às minhas dúvidas.

Proponho-me viver a palavra de Deus a cada momento. Vou criando coragem e cada momento do meu dia passa a ter sentido, mesmo que eu esteja sempre acamada. Acordar cedo, receber a Eucaristia, ler o Evangelho, fazer bordado, tomar banho, alimentar-me, tomar os remédios, escrever cartas, estudar e fazer os trabalhos escolares para concluir o curso... Tudo para mim vai adquirindo sentido, porque é um modo de fazer a vontade Deus, à qual me abandonei.

Também percebo que é um ato de amor aceitar com alegria a ajuda dos outros, de que dependo constantemente: quando solicito com gentileza que me atendam e acolho docilmente o modo — às vezes até desajeitado ou apressado — da pessoa que me serve, então desaparece o meu receio de ser um peso e o outro se sente feliz.

Muitos amigos vêm conversar comigo. Às vezes me confiam seus problemas. Ouço cada um com atenção. E sempre saem com um sorriso no rosto.

Um dia, um de meus médicos fica mais tempo conversando comigo. Me fala que ele se sente um pouco perdido na vida e não encontra muito sentido em sua profissão. E lhe digo:

— Olhe, quem busca a luz, encontrará a luz. Peça a Deus que ilumine você.

Dias depois ele me confia:

— Fiz como você me disse e começaram a se abrir uma porção de perspectivas em minha vida.

REPENSO MEU FUTURO: não sei quando vou sair do hospital, nem para onde vou poder ir. Talvez eu não possa mais sentar-me, ou tenha que ir para um asilo! Mas, por que me preocupar e não ter confiança

em Deus? Ele é meu Pai e posso me abandonar a Ele.

Com este ânimo, minha recuperação parece acelerar. Logo o médico me dá alta. Vou para casa, feliz por retomar minhas atividades.

Doze dias depois, sinto febre alta. Desta vez, porém, me soa mais forte a confiança e o abandono em Deus, do que todo o temor de enfrentar novo período de hospital. Telefono ao médico, que me receita algumas providências. Mesmo assim, a febre não diminui. Falo com minha prima e depois com meu cunhado. Juntos vamos ao hospital. O médico me examina e me aconselha a internação. Sinto uma paz incrível, pois havia procurado me entregar nas mãos de Deus e fazer a sua vontade a cada momento.

As enfermeiras me acolhem com carinho. Tenho a sensação de voltar entre amigos. O ambiente hospitalar parece se despir de sua ritual tristeza e refletir a profunda paz interior que me invade. Realmente, trago em mim um imenso tesouro. Um grande tesouro mesmo, tal como diz Jesus: "O reino dos céus é como um grande tesouro, que se encontra num determinado terreno. Então a gente vende tudo o que tem para comprar esse terreno".

Agora não mais temo enfrentar os momentos de angústias e de tristeza, pois encontrei a chave para superar o sofrimento: sob cada situação difícil, Jesus que, com sua paixão, assumiu todo sofrimento humano, se apresenta a mim; procuro, então, acolhê-lo como o melhor amigo. E ele me dá a paz e a força para amar cada pessoa com quem me encontro.

O ANO ESTÁ CHEGANDO AO FIM. Faço os trabalhos escolares, presto os exames aqui mesmo no hospital e obtenho o diploma.

O Natal se aproxima. Já estou disposta a passar esse dia aqui no hospital. Sinto que o Natal está se realizando constantemente dentro de mim, a cada ato de amor que consigo fazer. E é isto que me importa.

Os médicos vêm conversar comigo e me colocam a situação: as dez cirurgias a que já me submeti não deram o resultado esperado. Eles não sabem mais prever qual será a evolução do meu caso. Mas acreditam que o melhor ambiente para minha recuperação física é o ambiente familiar. Por isso, me aconselham a ir já para a casa de meus pais e passar o Natal com eles.

Em meu coração, um misto de alegria e insegurança pelo futuro. Mas logo reencontro a confiança, ao ver a presteza com que meus irmãos e amigos preparam todo o necessário para fazer uma viagem de mil quilômetros até o sítio "Sapucaia".

ENQUANTO O AVIÃO levanta o vôo rumo ao oeste do Paraná, relembro estes dez anos que passei em São Paulo. Quando pela primeira vez vim a esta cidade eu pensava em realizar os meus sonhos, fazer a minha vontade. Mas aprendi, finalmente, que fazer a cada instante a imprevisível vontade de Deus é uma aventura muito mais fascinante.

narrado a Reinaldo Fleuri
(o relato termina aqui, mas a vida continua)